

Importância da literatura nacional para o jovem no Brasil¹

Camila David Veloso²
Letícia Azambuja Mattos³
Universidade Anhembi Morumbi – UAM/SP

RESUMO

O artigo pretende discutir a importância da leitura no processo de formação social e individual do jovem por meio de um discurso bibliográfico de autores que abordam essa importância. Nesse contexto, analisar-se-á, principalmente, o papel da literatura brasileira clássica como ferramenta de conscientização histórica, política e social, oferecendo ao jovem meios de contextualização do cenário brasileiro atual. Demonstrando, dessa forma, que garantir que todos os jovens tenham acesso à leitura, sobretudo nacional, é fundamental para seu desenvolvimento pessoal, social e para a equidade educacional.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; leitura; jovem; Brasil.

INTRODUÇÃO

A leitura é um hábito rico, que deve ser construído desde a infância, permitindo que o indivíduo desenvolva uma série de recursos pessoais e sociais, respaldando a sua formação. Esse hábito é crucial para o desenvolvimento pessoal e social, ampliando o vocabulário, melhorando a compreensão e promovendo o pensamento crítico (AZEVEDO, 2011). Já Mariana Vieira e Ana Cláudio Paula (2019), afirmam que a leitura ajuda a construir empatia e entendimento intercultural. Portanto, garantir aos jovens o acesso a variedade de materiais de leitura é fundamental para seu crescimento pessoal, desenvolvimento social e para a equidade educacional.

Os estudos de Alexandre Silva (2022), apontam que programas e políticas que visam tornar os livros mais acessíveis, como bibliotecas comunitárias e livros a preços reduzidos, desempenham um papel crucial na democratização da literatura. Em suma,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT33SE Produção Editorial, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Produção Editorial da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: camilacdv@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Produção Editorial da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: leticiaazambuja39@gmail.com.

democratizar o acesso à leitura proporciona oportunidades iguais de desenvolvimento e também promove uma sociedade mais igualitária e culturalmente rica.

Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre o cenário histórico da literatura e das editoras no Brasil, uma vez que esse histórico influencia diretamente na relação que o jovem brasileiro cultiva com a leitura e, principalmente, com obras clássicas brasileiras, escritas pelos principais autores do país, como Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa.

SURGIMENTO DAS EDITORAS NO BRASIL

Segundo Hallewell (2005), nas três décadas que se seguiram ao descobrimento do Brasil, em 22 de abril de 1500, o país permaneceu um território inexplorado por seus colonizadores. Durante alguns séculos apenas se desviaram recursos das terras brasileiras. Segundo o autor, em 1700 a população era composta por uma média de 300.000 colonos e escravos, em sua grande maioria analfabetos, além do fato de que a população nativa de nossas terras, os indígenas, possuía recursos, ainda que rudimentares, de produção literária, mas, os jesuítas que buscavam catequizá-los trouxeram para a Colônia os primeiros livros a ocupar o território, que eram copiados à mão.

Conforme estudos de Hallewell (2005) e Molina (2015), até 1808 a produção impressa no Brasil era inexistente, devido ao alvará de 20 de março de 1720, que impedia que a Colônia tivesse a instalação de manufaturas voltadas para esse objetivo. Essa proibição ia contra a grande onda de novos trabalhos impressos impulsionada pela invenção de tipos móveis feitos de chumbo, por Johannes Gutenberg, considerado o inventor da prensa móvel, por volta de 1430, e pioneiro da Revolução da Imprensa.

Considerando o sistema político de matriz-colônia que se utilizava na época, o Brasil era o país colônia explorado pela matriz portuguesa, que acreditava que ao proibir a distribuição de materiais impressos, estava proibindo a disseminação de ideias revolucionárias e progressistas no cenário político de sua colônia. Segundo Schwarcz (2002, p. 412-427), as pessoas mais abastadas que viviam no Brasil, ao tentar importar exemplares de livros de Portugal, enfrentavam vários trâmites que tentavam tornar ainda mais rigorosa a censura feita pelos colonizadores do acesso à novas ideias impressas por parte de seus colonizados.

O governo português exercia controle sobre as publicações por meio de um instrumento chamado Mesa do Desembargo do Paço, que censurava e autorizava as obras que eram de interesse para os colonizadores. As publicações aprovadas recebiam um selo de aprovação, e algumas delas, como Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga, recebiam tratamento especial, visto a importância de seu texto para tornar mais fortes os ideais de nação que os colonizadores portugueses queriam desenvolver no Brasil (EL FAR, 2006).

El Far (2006) aponta que no final do século XIX, o mercado editorial brasileiro estava em pleno crescimento, com uma variedade de publicações disponíveis para atender a diversos gostos e interesses, refletindo uma crescente democratização do acesso ao conhecimento e à literatura. Além disso, houve aumento na produção de obras infantis e manuais práticos, seguindo as demandas dos leitores diversificados. Além disso, nesse período surgiram novas técnicas de impressão e encadernação, contribuindo para a expansão e democratização da indústria editorial no Brasil.

Uma das principais conclusões que se pode ter sobre o panorama da publicação de livros no Brasil é o de que a leitura é um elemento formativo, político e ideológico. Ao censurar e vistoriar os tipos de publicação no Brasil colonial, a Coroa controlava também o tipo de conhecimento difundido, e quem tinha acesso a este conhecimento, coisa que molda a percepção de mundo e as ideologias de uma sociedade. Nesse contexto, a leitura disseminava informações e também estabelecia um poder simbólico, capaz de influenciar a construção de valores, crenças e a identidade de um povo. Foucault (1971), já havia destacado como o controle sobre o discurso e o conhecimento é um mecanismo fundamental de poder, algo que pode ser claramente observado no contexto colonial, em que a disseminação de saberes era restrita e manipulada por forças políticas dominantes.

Para os leitores atuais, o conteúdo de suas leituras continua a ser um componente importante da formação de sua personalidade e ideologias. Porém, o controle do conhecimento continua a existir, embora de formas diferentes. Se no período colonial o controle sobre a impressão e a distribuição de livros visava barrar o acesso a ideias ditas subversivas e garantir o domínio das elites, no Brasil contemporâneo, o controle do conhecimento ocorre por meio de uma complexa rede de plataformas digitais e algoritmos que moldam as informações acessadas pelas massas. A

liberdade de acesso ao conhecimento e à informação continua sendo um tema de grande relevância, com desafios que remetem às questões de censura e controle observadas em períodos passados, mas agora em um contexto globalizado e digital.

Em última análise, é possível afirmar que a leitura permanece uma ferramenta vital para o indivíduo na formação de sua visão de mundo, sendo simultaneamente uma via para o crescimento pessoal e um campo de disputa ideológica e política. No entanto, como destacou Foucault (1971), o poder sobre o discurso nunca desaparece completamente e continua a se reconfigurar, seja por meio de censura explícita ou pela manipulação do acesso às informações. No Brasil, a história da leitura e do livro, desde a colonização até o período atual, revela o impacto das publicações na formação de ideologias, e também como o controle do conhecimento tem sido uma ferramenta estratégica de poder, moldando a identidade nacional e a consciência social ao longo do tempo.

IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA O JOVEM NO BRASIL

Os primeiros livros destinados ao público jovem no Brasil foram divulgados no século XIX (ZILBERMAN, 2014), cujos alguns títulos importantes foram: *Aventuras pasmosas do célebre Barão de Munkausen* (1814) e *Tesouro dos meninos* (1850). Segundo o professor de Literatura Infantil e Juvenil da Universidade de São Paulo, José Nicolau, as obras antes do século XVIII eram marcadas pela detenção do poder: os indivíduos das mais altas classes liam clássicos literários orientados por seus pais e preceptores, enquanto os de classes populares não tinham acesso à escrita e leitura, portanto, aproximavam-se da literatura oral (apud BATTISTI; PORTO, 2016). Roselei Porto e Ana Paula Battisti (2016) destacam que essa divisão refletia a desigualdade no acesso à literatura e ao conhecimento.

Já no século XX, conforme apontam Battisti e Porto (2016), a produção literária juvenil brasileira ampliou-se devido às necessidades das escolas por livros de literatura para o ensino. Um grande marco ocorreu em 1921, quando Monteiro Lobato publicou “A menina do narizinho arrebitado” (ZILBERMAN, 2014), fazendo, de forma revolucionária, a diferenciação dos jovens leitores dos demais públicos.

O homem culto, com bagagem literária, possui uma compreensão diferenciada acerca de problemas políticos, sociais, econômicos e religiosos. Uma vez que o

repertório literário permite que acesse diversas experiências, contextos e ideais (AZEVEDO, 2011). É nesse cenário que se estabelece a importância da educação, principalmente por meio dos organismos especializados (escolas e faculdades), para a formação dos cidadãos do futuro: jovens e adolescentes.

Conforme Vieira e Paula (2019), a cultura narrativa, presente na literatura, é a forma mais básica de cultura desenvolvida até mesmo pela tribo mais primitiva, e se inicia, gradualmente, a partir do domínio da linguagem. As autoras ainda afirmam que a literatura, em qualquer forma, é o espelho de uma gama de fatores, estando intrinsecamente vinculada à sociedade em que se origina (VIEIRA; PAULA 2019). Já Azevedo (2011) afirma que a obra literária reflete o local, época, cenário político-social e cultura do país em que é desenvolvida, além do universo interior do autor, suas experiências, ideais e personalidade.

Conforme Silva (2011), esse contexto, em um país com uma história rica e complexa como o Brasil, é de extrema importância, uma vez que sofremos resquícios de sua colonização atualmente, em forma de racismo, marginalização e pobreza, pois a literatura, muitas vezes de forma sutil, é capaz de contar essa história, contextualizando leitores dessa realidade e ampliando sua visão sobre seus impactos no presente.

Nota-se que a literatura contribui para a formação da personalidade do leitor. Isso, pois, o hábito de ler desenvolve e expande o vocabulário, interpretação, imaginação e criatividade, auxilia no crescimento moral, pessoal e emocional.

Além disso, ao promover uma ponte entre o leitor e a narrativa, é possível que o indivíduo experimente as vivências das personagens, dessa forma, é capaz de absorver aprendizados pessoais, como lições e valores (VIEIRA; PAULA, 2019). Esse enriquecimento, para o jovem em processo de formação de seu caráter e personalidade, é de extrema importância para a formação do cidadão futuro que será capaz de impactar positivamente a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Democratizar o acesso à literatura brasileira é um objetivo fundamental na preservação e na disseminação do patrimônio cultural nacional. Obras clássicas, em especial, refletem a realidade social, política e cultural do país em períodos históricos específicos e, também, dialogam com questões que se mantêm relevantes até os dias

atuais, como as desigualdades sociais, as relações de poder e a complexidade das interações humanas. Valorizar essas narrativas proporciona uma experiência inclusiva e educativa que valoriza a história e as tradições culturais do Brasil.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

AZEVEDO, Ricardo. Literatura juvenil: aspectos, dúvidas e contradições. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 6, abril 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12274/8882>. Acesso em: 22 mar. 2025.

BATTISTI, Roselei; PORTO, Ana Paula. Literatura juvenil brasileira: narrativas do século XXI. **Revista Literatura em Debate**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 18, 2016. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/2409>. Acesso em: 22 mar. 2024.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

MOLINA, Matías. **A história dos jornais no Brasil**, vol. 1. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Alexandre Soares. **Qual importância da literatura?** 2022. Disponível em: Entenda a importância da literatura na formação humana (brasilparalelo.com.br). Acesso em: 04 jun. 2024.

VIEIRA, Mariana Fernandes; PAULA, Ana Cláudia Rodrigues dos Santos. **A influência da literatura juvenil brasileira na formação moral**. 2019. Disponível em: A influência da Literatura juvenil brasileira na formação moral (uol.com.br). Acesso em: 04 jun. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **Leituras brasileiras para crianças e jovens: entre o leitor, a escola e o mercado**. Gragoatá, Niterói, n. 37, p. 221-238, 2. sem. 2014.